



A INFLUÊNCIA DA PARENTALIDADE NA FORMAÇÃO DO EGO SEGUNDO A PERSPECTIVA JUNGUIANA

Valéria De Oliveira Santos Martins

Centro Universitário Luterano de Palmas (CEULP/ULBRA)

Sonielson Luciano de Sousa

Centro Universitário Luterano de Palmas (CEULP/ULBRA)

Caio César Brum

Centro Universitário Luterano de Palmas (CEULP/ULBRA)

Pietro Ribeiro Lamonier

Centro Escola de Especialidades Médicas – Unimax

RESUMO

Esta pesquisa investiga a influência da parentalidade na formação do Ego, sob a perspectiva da Psicologia Analítica. O objetivo foi analisar como as interações parentais afetam o desenvolvimento emocional e psicológico dos filhos, considerando a tensão gerada pelos complexos materno e paterno e os arquétipos de pai e mãe. Através de uma revisão bibliográfica qualitativa exploratória, analisou-se materiais de autores clássicos e contemporâneos da Psicologia Analítica. A análise da literatura revelou que a parentalidade exerce uma influência profunda e multifacetada na formação do ego, moldando a personalidade e impactando o processo de individuação. Concluiu-se que a influência dos pais vai além do consciente, com dinâmicas inconscientes impactando fortemente a formação da personalidade, e que a autenticidade na relação pais-filhos é fundamental.

Palavras-chave: Psicologia Analítica; Parentalidade; Infância; Complexos Parentais.

INTRODUÇÃO

Na perspectiva da Psicologia Analítica, a infância representa o alvorecer da consciência e a gênese do ego, um período de suma importância para a estruturação da psique individual. O desenvolvimento da personalidade se inicia na infância, e os primeiros anos são decisivos para a formação do caráter. Nesse contexto, as interações do indivíduo com o meio externo, especialmente as relações parentais, exercem um papel preponderante na moldagem da personalidade durante a fase infanto-juvenil e que, a mente da criança é extremamente influenciável e dependente, funcionando completamente dentro da complexa psique dos pais. Ou seja, a mente da criança não é um sistema isolado, mas sim altamente suscetível às influências do ambiente familiar, especialmente à dinâmica psíquica dos pais.

Nesse sentido, a parentalidade tem um papel fundamental na formação da personalidade, sendo importante a investigação dessa interação que pode fornecer uma visão ampla e se possível um maior direcionamento relacionado ao tema, bem como possibilidades na constituição de indivíduos a partir da perspectiva de que na



desenvolvimento, a neurociência e a antropologia, enriquecendo a compreensão do desenvolvimento humano, bem como explorar a transmissão transgeracional de padrões emocionais e comportamentais, investigando como os conflitos não resolvidos dos pais podem afetar a formação do Ego dos filhos ao longo das gerações.

Portanto, para o desenvolvimento da pesquisa, foi realizado o levantamento bibliográfico na biblioteca Pearson, Minha Biblioteca e na biblioteca pessoal da autora utilizando os termos de busca: parentalidade, personalidade, ego, infância e Psicologia Analítica, para levantamento especificamente de livros que contribuíram na construção do referencial teórico. As obras utilizadas derivam de autores diversos no campo da Psicologia e principalmente na abordagem analítica, abrangendo publicações de edições que vão de 1980 a 2023.

Esta é uma pesquisa de natureza básica que utiliza uma abordagem qualitativa, cujo objetivo é investigar através da revisão bibliográfica, quais contribuições a Psicologia Analítica fez para entender de que forma a interação dos filhos com os pais pode afetar no desenvolvimento do indivíduo. O tratamento dos dados se dá através da interpretação e síntese das informações encontradas nas fontes bibliográficas, buscando identificar padrões, relações e implicações para a compreensão do tema central da pesquisa. Não havendo uso de métodos estatísticos ou análise quantitativa.

1 MATERIAIS E MÉTODOS

O presente trabalho conta com a metodologia de revisão bibliográfica, que segundo Gil (2002) se utiliza de material já disponível como livros publicados na internet, aqui foram buscados livros disponíveis em bases de dados como Pearson, Minha Biblioteca e biblioteca pessoal da autora abrangendo publicações de edições que vão de 1980 a 2023. A natureza da pesquisa é básica, sendo segundo Schwartzman (1979, p.01) “aquela que acumula conhecimentos e informações que podem eventualmente levar a resultados acadêmicos ou aplicados importantes, mas sem fazê-lo diretamente”. Ao passo que a abordagem é qualitativa do conteúdo dos materiais bibliográficos, buscando identificar e interpretar os conceitos junguianos relevantes para a compreensão da influência parental na formação do Ego. Isso inclui a análise de arquétipos, complexos (materno, paterno e de Édipo), inconsciente pessoal e coletivo, e o processo de individuação, sendo esta uma abordagem de caráter exploratório que busca entender a profundidade dos fenômenos, explorando as experiências, percepções e significados que as pessoas atribuem a esses fenômenos. Não se concentrando apenas em números e dados estatísticos (Poupart et al., 2008).

A pesquisa abrange obras de autores clássicos da Psicologia Analítica como Carl Gustav Jung e Marie-Luise Von Franz, e de autores contemporâneos que exploram e aplicam seus conceitos, como Edward F. Edinger, Verena Kast, Murray Stein e outros, que abordam o tema da pesquisa nas bases citadas acima, buscando compreender tanto as bases teóricas originais quanto as interpretações e desenvolvimentos mais recentes da teoria junguiana. O processamento dos dados se concretiza por meio da interpretação e da síntese das informações colhidas nas fontes bibliográficas. Esse procedimento visa a identificação de padrões recorrentes, a elucidação das relações existentes entre os conceitos e a avaliação das implicações desses achados para a compreensão do tema central da pesquisa.



2 REFERENCIAL TEÓRICO

2.1 A Influência dos Pais na Formação do Ego

A influência da parentalidade na formação do Ego transcende a mera transmissão de palavras e conceitos; ela se manifesta, sobretudo, através do exemplo vivo dos pais. Conforme observou Jung (2013b), a criança, embora suscetível à influência verbal, é fundamentalmente moldada pelas ações e vivências de seus progenitores. Essa dinâmica não implica, necessariamente, uma correspondência direta entre os tipos psicológicos de pais e filhos. Para compreender esse processo de formação do Ego, é importante considerar também os movimentos psíquicos que estruturam sua dinâmica interna. O desenvolvimento do Ego não ocorre apenas a partir dos conteúdos internos da psique, mas também em constante interação com o mundo externo. Nesse sentido o autor propôs os conceitos de 'Progressão' e 'Regressão' como movimentos fundamentais da energia psíquica (libido) no processo de amadurecimento da personalidade. A Progressão refere-se ao direcionamento da libido para fora, em busca de adaptação, realização no mundo e fortalecimento do Ego por meio da confrontação com a realidade externa. Já a Regressão ocorre quando essa energia recua em direção ao inconsciente, frequentemente como resposta a frustrações, impasses ou crises existenciais. Longe de representar apenas uma falha psíquica, a regressão pode ter uma função compensatória e restauradora, pois permite o contato com imagens arquetípicas e conteúdos profundos que foram excluídos da consciência.

Von Franz e Hillman (2016), trazem que a teoria dos tipos psicológicos elaborada por Carl Gustav Jung visa compreender as diferentes formas de percepção e reação dos indivíduos diante do mundo. Essa teoria se baseia em duas atitudes opostas a introversão e a extroversão, bem como quatro funções psíquicas sendo elas: pensamento, sentimento, sensação e intuição. A combinação entre uma dessas atitudes e uma função dominante dá origem a diferentes tipos psicológicos, todos com suas qualidades e limitação.

A tipologia é apresentada como um recurso importante para o autoconhecimento e para a compreensão das diferenças entre pessoas, favorecendo o desenvolvimento pessoal e os relacionamentos interpessoais. Um pai introvertido, por exemplo, pode ter um filho extrovertido, pois a preponderância de introversão ou extroversão define o tipo psicológico, e não a ausência do mecanismo oposto. Sendo assim, a exemplo de como a tipologia dos pais pode influenciar nos traços de personalidade dos filhos como expressão transgeracional, Von Franz e Hillman (2016 p. 14), pontuam:

É tendência natural adiar ou transferir para outras pessoas as coisas nas quais não nos sentimos superiores. Em decorrência desse comportamento natural, a unilateralidade vai sempre aumentando. Surge então a atitude familiar: o garoto muito inteligente deve prosseguir os estudos e a criança que apresenta aptidão para as matérias práticas deve tornar-se engenheiro. O ambiente reforça as tendências unilaterais existentes, as chamadas "aptidões", e há, portanto, um aumento no desenvolvimento da função superior e uma lenta degeneração do outro lado da personalidade. Este é um processo inevitável que até apresenta grandes vantagens. Muitas pessoas se enquadram nesse padrão, podendo-se definir imediatamente o seu tipo; já outras podem ser muito difíceis de definir. Algumas pessoas têm problemas para descobrir o próprio tipo, o que se deve, muito frequentemente, ao fato de serem tipos distorcidos. Isso não é muito comum, mas acontece nos casos em que

alguém, que originalmente seria um tipo sentimental ou um intuitivo, foi forçado pelo meio ambiente a desenvolver outra função. Suponha-se que um garoto tenha nascido um tipo sentimental numa família intelectualmente ambiciosa. Seu ambiente exercerá pressão para que ele se torne um intelectual e a sua predisposição natural como tipo sentimental será frustrada ou desprezada. Geralmente, em casos como esses, a pessoa é incapaz de tornar-se um tipo pensativo porque o passo seria grande demais. Porém, ela pode muito bem desenvolver a percepção ou a intuição, uma das funções auxiliares, a fim de adaptar-se melhor ao ambiente: a sua função principal está simplesmente "deslocada" do meio em que ela cresce.

Portanto, o ambiente familiar exerce uma influência inegável no modo como pais e filhos interagem e se relacionam, como no exemplo acima, um garoto do tipo sentimental em uma família intelectual pode vir a desenvolver outras funções auxiliares como meio de adaptação.

Nesse contexto da formação do Ego, a relação entre pais e filhos desempenha um papel fundamental na manifestação e integração dos arquétipos. Segundo Jung (2011) os arquétipos são padrões universais de experiência que possuem imagens e fazem parte da estrutura psíquica de todo ser humano e sua integração ocorre quando o Ego reconhece seus conteúdos inconscientes, entra em relação com eles e o incorpora de forma equilibrada à personalidade.

As interações parentais, desde a mais tenra infância, influenciam a forma como a criança internaliza e expressa os aspectos masculinos e femininos de sua psique. Um ambiente familiar que promove a expressão saudável de ambos os arquétipos contribui para o desenvolvimento de um Ego equilibrado e integrado, enquanto um ambiente que reprime ou distorce esses aspectos, o que pode levar a conflitos internos e dificuldades no processo de individuação (Neumann, 1980).

A expressão de um arquétipo ocorre quando um conteúdo arquetípico do inconsciente se manifesta na consciência, seja por meio de comportamentos, emoções, sonhos, fantasias, símbolos ou atitudes. Uma expressão "saudável" de um arquétipo é aquela que promove a integração, a assimilação de conteúdos inconscientes, o autoconhecimento, a ampliação da consciência e a busca da individuação. Também é possível que haja a distorção da expressão desse arquétipo, quando ocorre a possessão arquetípica, que significa permitir que esse conteúdo inconsciente se manifeste de forma desproporcional, inconsciente ou desvinculada da realidade individual, gerando comportamentos rígidos, destrutivos ou alienados (Jung, 2018).

Diante das interações entre pais e filhos, surgem os complexos parentais, chamados de complexo materno e paterno. Estes complexos podem ser positivos, quando há uma relação de afeto, atenção, acolhimento e carinho com as figuras maternas e paternas. Caso a relação seja permeada de confrontos dolorosos, geram-se os complexos maternos e/ou paternos negativos. Os complexos paterno e materno são formados desde a primeira infância, e surgem através da projeção que fazemos nos pais de qualidades que vão além das reais, através da identificação com eles de características, valores e comportamentos, identificações estas que podem ser conscientes ou inconscientes, também podem ser através de experiências emocionais que temos e que deixam marcas ao longo da vida, assim como através dos arquétipos universais de mãe e pai que são inatos aos indivíduos (Kast, 2022).

Esses complexos parentais, são fundamentais na construção do Ego, que emerge da psique inconsciente e se desenvolve gradualmente com a autoconsciência. Na visão de Edinger (2020), o Ego surge da psique inconsciente e ganha forma gradualmente à medida que a pessoa ganha consciência de si mesma. No entanto, essa estrutura



psíquica, não existe de maneira isolada, pois está constantemente influenciada pelo inconsciente pessoal e pelo inconsciente coletivo. Ao longo da vida, o Ego passa por transformações significativas, muitas vezes impulsionadas por crises existenciais e experiências simbólicas que fazem parte da jornada de individuação. O crescimento do Ego é frequentemente acompanhado por momentos simbólicos de “morte e renascimento” que podem ser vistos como uma consequência das crises e transformações induzidas pelos complexos parentais. Esse simbolismo é recorrente em mitos, religiões e sonhos que frequentemente retratam heróis em suas jornadas de provação, antes de alcançar um nível mais elevado de consciência. Para o autor a perda do simbolismo religioso na sociedade moderna, enfraquece o desenvolvimento psicológico, pois deixa os indivíduos sem referência simbólica para guiar sua jornada interna.

Ao conectar as ideias de Edinger (2020) com o que este artigo discute sobre a influência dos pais na formação do Ego, percebe-se forte sintonia. O que Edinger coloca em seu trecho sobre o funcionamento do Ego dentro da Psicologia de Jung se encaixa com o que exploramos aqui sobre como a parentalidade age nesse processo, ao aprofundar em como as trocas entre pais e filhos, marcadas por complexos psicológicos e pela força dos arquétipos, realmente constroem e transformam o Ego durante a infância, que é uma fase crucial para a jornada de se tornar um indivíduo completo. Assim, a forma como os pais se relacionam com os filhos pode tornar mais fácil ou mais difícil aqueles momentos de crise e mudança (“morte e renascimento”) que são essenciais para o Ego crescer e a pessoa buscar uma maior consciência de si.

A expressão saudável dos arquétipos parentais, conforme explorado por Jung (2011) e Neumann (1980), desempenha um papel crucial no desenvolvimento infantil. A manifestação positiva do arquétipo materno envolve a provisão de segurança emocional, acolhimento e nutrição, fatores que contribuem para o desenvolvimento da confiança básica na criança. De forma análoga, a expressão saudável do arquétipo paterno está associada à oferta de orientação, estabelecimento de limites e estímulo à autonomia, auxiliando a criança na construção de sua identidade e capacidade de enfrentar o mundo. Embora relacionada ao conceito de criação saudável, a expressão arquetípica saudável se distingue ao enfatizar os padrões universais e inconscientes que influenciam a dinâmica pais-filhos, indo além das práticas parentais conscientes. A compreensão desses arquétipos permite uma análise mais profunda das influências parentais no desenvolvimento da personalidade e na formação do Ego.

2.2 Arquétipos e Inconsciente

Os complexos derivam do inconsciente individual e os arquétipos derivam do inconsciente coletivo. Jung conceitua os arquétipos como tendências inatas a formar determinadas imagens e ideias, presentes no inconsciente coletivo. Essas tendências não são estáticas, mas se manifestam de forma singular em cada indivíduo e cultura, moldando nossos pensamentos, sentimentos e comportamentos. As imagens arquetípicas podem ser observadas em diferentes manifestações, como nas mitologias, obras de arte, crenças religiosas, sonhos e até mesmo comportamentos cotidianos. Jung mostrou que as definições de arquétipo são antigas e que esse conceito é experimentado de forma semelhante por diversas culturas. Por exemplo, o arquétipo materno surge do simbolismo maternal de diversas formas, que podem ser pessoas ou coisas, como uma mãe, avó, madrasta, figuras familiares, conceitos abstratos como a divindade e a natureza, o Céu, a Terra e a Lua. A figura materna se manifesta em



símbolos diversos, incluindo lugares de origem, objetos de cuidado e até animais, refletindo sua profunda influência na psique humana. Os símbolos deste arquétipo podem ser positivos ou negativos. Os negativos podem ser a bruxa, o dragão (ou qualquer animal devorador e que se enrola como um peixe grande ou uma serpente), o túmulo, o sarcófago, a profundidade da água, a morte, o pesadelo e o pavor infantil (tipo Empusa, Lilith, etc.). A imagem da mãe, presente em diversas culturas, sofre transformações significativas, analisando sob a ótica individual (Jung, 2018).

Em "Três Ensaios sobre a Teoria da Sexualidade", Freud (2016) aborda a sexualidade infantil e o desenvolvimento das fantasias desde os primeiros anos de vida. Ele explica que, durante a infância, as fantasias relacionadas à figura materna são muitas vezes a chave para o desenvolvimento psíquico. A criança, ainda sem uma diferenciação clara entre o mundo real e o mundo psíquico, pode criar representações mentais da mãe que, em muitos casos, não são diretamente refletidas pela realidade. Essas representações fantasiosas, ou seja, as projeções da criança sobre a mãe, têm um impacto significativo no desenvolvimento das neuroses. A mãe, para Freud, não é apenas a cuidadora que atende às necessidades físicas da criança, mas também figura central nos desejos infantis inconscientes. Assim, as relações com a mãe podem ser interpretadas, muitas vezes, como um reflexo das fantasias da criança sobre o amor, o cuidado, o medo e, mais tarde, o desejo sexual. Essas fantasias, de acordo com Freud, não são simplesmente desejos inocentes, mas podem ter uma dimensão de trauma, especialmente quando estão em desacordo com a realidade.

Em contraposição à ênfase dada por Freud à mãe pessoal na formação da psique infantil, a perspectiva Junguiana conforme articulada por Jung (2018) desloca o foco para o arquétipo materno, ou seja, a importância da mãe reside menos em sua pessoa e mais no arquétipo materno que projetamos sobre ela. Esse arquétipo, carregado de simbolismo e poder, confere à mãe uma autoridade quase divina, moldando profundamente a experiência infantil. Portanto, é fundamental analisar cada caso individualmente para identificar a origem dessas fantasias, que podem se manifestar através dos sonhos, medos e projeções na figura do terapeuta. O arquétipo da mãe é frequentemente a base do complexo materno. A questão de saber se esse complexo pode se desenvolver sem a influência da mãe real ainda é tema de debate. Para ele, a mãe, em sua interação com a criança, desempenha um papel crucial na origem de perturbações psicológicas, especialmente nas neuroses infantis. A perturbação da esfera instintiva da criança evoca arquétipos que se interpõem entre ela e a mãe, criando uma dinâmica conflituosa e gerando angústia. Sonhos em que a mãe aparece como figura ameaçadora, comuns em crianças de mães superprotetoras, ilustram como esses arquétipos podem causar uma cisão na psique infantil e predispor ao desenvolvimento de neuroses.

Diante de tais afirmações, vale ressaltar um arquétipo coletivo que foi abordado por Neumann (2021) conhecido pelo nome de A grande Mãe, o qual foi caracterizado por ele principalmente por sua natureza dual, manifestando-se tanto como a "Mãe boa" nutridora e protetora quanto como a "Mãe terrível" associada à destruição. Essa dualidade arquetípica permeia a experiência humana e a dinâmica mãe-filho, influenciando a percepção do feminino e os ciclos da vida. Outra característica essencial é sua natureza transformadora, simbolizando os processos de criação, morte e renascimento, e sua ubiquidade e autonomia, transcendendo as representações individuais da maternidade e moldando a experiência humana através de diversas culturas e épocas.



Embora a influência da mãe seja inegável, muitas vezes as fantasias infantis assumem um caráter arquetípico, com elementos mitológicos e simbólicos que vão além da experiência pessoal. Sobre esse ir além, cabe aqui ressaltar que, antes do surgimento da psicologia analítica, uma das definições de inconsciente mais explorada no final do século XIX e primórdios do século XX, se dava através da Psicanálise na qual Freud trazia que esse inconsciente seria formado por conteúdos reprimidos ou esquecidos pelo indivíduo, algo formado completamente por atuação pessoal de cada um. Jung não discordava de tal definição, mas afirmou que este inconsciente pessoal repousa sobre uma camada ainda mais profunda, algo inato de todos os seres humanos, chamado de inconsciente coletivo. A psicologia analítica postula que a consciência emerge do inconsciente, uma esfera psíquica presente desde o nascimento e subdividida em inconsciente pessoal e coletivo. Na infância, a psique está particularmente influenciada pelo inconsciente coletivo, absorvendo influências arquetípicas e padrões universais que se manifestam em sonhos, temores e comportamentos (Jacobi, 2013).

2.3 Anima e Animus

De acordo com a teoria junguiana, imersos na profundidade do inconsciente coletivo, encontram-se os arquétipos da Anima e do Animus, elementos fundamentais na constituição psíquica de todo indivíduo, independentemente do sexo biológico. Esses arquétipos exercem uma influência significativa sobre a perspectiva individual do mundo. A Anima representa a dimensão do feminino presente na psique masculina, enquanto o Animus personifica a dimensão do masculino na psique feminina. Longe de serem apenas símbolos, eles atuam como forças dinâmicas que impactam diretamente os aspectos racionais, emocionais e comportamentais de cada pessoa. Para um desenvolvimento pleno da personalidade, torna-se essencial que tanto homens quanto mulheres estabeleçam uma relação consciente com os aspectos arquetípicos presentes em seus complexos relacionados à Anima e ao Animus. No homem, essa relação consciente com os aspectos arquetípicos de seu complexo da Anima pode manifestar qualidades como criatividade, intuição e empatia. A ausência dessa relação pode levar a uma idealização excessiva do feminino ou a uma instabilidade emocional considerável. De modo análogo, na mulher, uma relação consciente com os aspectos arquetípicos de seu complexo do Animus fortalece características como racionalidade, independência e autodeterminação. A falta dessa relação, por outro lado, pode resultar em rigidez no pensamento e em posturas dogmáticas (Stein, 2004). Portanto, a presença e a relação consciente com os aspectos arquetípicos da Anima e do Animus são cruciais para a integração da personalidade em ambos os sexos.

Neumann (1980) destaca a importância dos arquétipos materno e paterno no desenvolvimento infantil. Quando a função materna é bem exercida, ela oferece segurança e cuidado, influencia a formação de um ego saudável. Experiências negativas podem levar à insegurança e dificuldades em relacionamentos. O arquétipo paterno, que introduz a criança ao mundo exterior, influencia o senso de identidade e propósito. Experiências negativas podem gerar raiva e dificuldades em estabelecer limites. O equilíbrio entre esses arquétipos é crucial para um desenvolvimento saudável, pois desequilíbrios podem causar problemas psicológicos. Os pais desempenham um papel fundamental na construção do ego e na jornada de individuação da criança. Nesse contexto, a relação entre pais e filhos emerge como um fator determinante na manifestação e integração dos arquétipos de Animus e Anima, elementos centrais na



estruturação da psique individual. As interações parentais, desde a mais tenra infância, modulam a forma como a criança internaliza e expressa os aspectos masculinos e femininos de sua psique. Um ambiente familiar que cultiva a expressão saudável de ambos os arquétipos propicia o desenvolvimento de um Ego equilibrado e integrado, ao passo que um ambiente que reprime ou distorce tais aspectos pode desencadear conflitos internos e entraves no processo de individuação.

2.4 Complexos Parentais e Seus impactos

Para Verena Kast (2022), os complexos são centros emocionais da personalidade que emergem quando um indivíduo se depara com uma situação ou ambiente que supera suas capacidades de resposta. Essa formação se inicia nas interações primárias do bebê e da criança com figuras significativas, sendo a primeira infância um período de particular sensibilidade. No entanto, eles podem surgir ao longo da vida, conforme enfrentamos novos desafios e experiências, pois consistem em agrupamentos específicos de memórias, vivências e fantasias, convergindo para um tema central, frequentemente associado a uma emoção intensa. Diante das interações entre pais e filhos, surgem os complexos parentais, como o materno e paterno, que estão intrinsecamente ligados à influência da parentalidade nos filhos, relacionados a sentimentos ou memórias das figuras de mãe ou pai, reais ou idealizadas, e podem influenciar o trabalho, relacionamentos amorosos e autoimagem. Os complexos paterno e materno se formam desde a primeira infância, através da projeção de qualidades nos pais, identificação com características, valores e comportamentos (conscientes ou inconscientes), experiências emocionais marcantes e arquétipos universais de mãe e pai. Eles podem ser positivos, quando há afeto, atenção, acolhimento e carinho, porém, com espaço para incentivo a autonomia da criança, ou negativos, se a relação for permeada por confrontos dolorosos.

A compreensão dos complexos parentais, ou seja, padrões inconscientes de pensamentos, emoções e comportamentos que moldam nossa percepção da realidade, é essencial para o autoconhecimento. Segundo Schwartz (2023), esses complexos não são apenas obstáculos, mas também potenciais caminhos de crescimento interior, pois, embora possam distorcer a realidade, oferecem importantes pistas sobre conteúdos profundos da psique. Um exemplo marcante é o complexo paterno negativo, estrutura psíquica inconsciente formada a partir da ausência, rejeição ou negligência paterna. Ele se manifesta como um conjunto de emoções não elaboradas, como abandono, insegurança e desvalorização, que influenciam profundamente nas filhas. Esses padrões comportamentais e afetivos, tendem a se repetir ao longo da vida e, quando não reconhecidos e trabalhados, perpetuam-se de forma inconsciente por meio de um processo de transgeracionalidade, sendo passados de pais para filhos, muitas vezes de maneira silenciosa e não verbal. A autora destaca ainda, que esses legados emocionais continuam atuando no sistema familiar até que sejam trazidos à consciência, compreendidos em sua origem e transformados, permitindo que a energia antes presa em padrões disfuncionais seja convertida em desenvolvimento pessoal e autenticidade.

Além do complexo paterno, o complexo de Édipo, um conceito central na psicanálise, exerce bastante influência no desenvolvimento infantil. Este complexo descreve uma fase em que a criança experimenta desejos pelo genitor do sexo oposto, ecoando o mito de Édipo. Embora Jung discordasse da terminologia freudiana, ele reconhecia a universalidade dessa fantasia, presente em ambos os sexos devido à libido sexual indiferenciada na infância. A superação desse conflito edipiano infantil é



crucial para um desenvolvimento saudável, prevenindo conflitos neuróticos na vida adulta. Para Freud (2016), a superação do complexo de Édipo envolve a renúncia de desejos e a identificação com o genitor do mesmo sexo. Esse processo é impulsionado pelo medo da castração no menino e pela inveja do pênis na menina. Ao reprimir seus desejos e se identificar com o genitor do mesmo sexo, a criança internaliza os valores e normas parentais, formando o superego e resolvendo o conflito edípiano. Esses "desejos" no Complexo de Édipo representam um conjunto complexo de sentimentos de amor, posse, rivalidade e medo que a criança experimenta em relação aos seus pais. Ele também interpretava o complexo de Édipo como um fenômeno reprimido pela moral, mas ativo no inconsciente, exercendo influência sobre o desenvolvimento psíquico.

Os complexos, portanto, demonstram como questões inconscientes podem afetar a vida de uma pessoa, e para Jung, a compreensão da vida mental exige o acesso aos pensamentos e sentimentos mais profundos, evidenciando o inconsciente através de ideias, emoções e memórias que influenciam o comportamento sem que tenhamos consciência. Esses comportamentos manifestam-se tanto em experiências pessoais, como medos, traumas e desejos, quanto em padrões universais através dos arquétipos, que moldam pensamentos e sentimentos compartilhados por toda a humanidade (Jung, 2018).

2.5 Puer Aeternus e Puella Aeterna

O conceito de Puer Aeternus é introduzido como uma expressão da mitologia clássica, especificamente das metamorfoses de Ovídio, onde se refere ao deus-criança Iacó nos mistérios eleusianos. Essa figura divina, associada a Dionísio, Eros e outras divindades da juventude e renovação, simboliza a juventude e o potencial de redenção. Para a Psicologia analítica, o termo Puer Aeternus é utilizado para descrever um tipo de indivíduo, geralmente homem, que permanece psicologicamente imaturo, preso a um estado de adolescência prolongada. Esse padrão é caracterizado por uma forte ligação com a mãe, frequentemente buscando nela uma figura de cuidado e proteção (Von Franz, 1992).

Já a Puella Aeterna segundo Leonard (1997), se trata da representação de uma mulher cuja relação deficitária com o pai na infância resultou em uma "ferida" em sua autoconfiança. Essa ferida, pode levá-la a adotar uma postura de submissão passiva, buscando inconscientemente o cuidado e a aprovação paterna em seus relacionamentos adultos, evitando as responsabilidades da vida adulta, com reflexos negativos em suas esferas emocional, intelectual, sexual, profissional e social.

3 RESULTADOS E DISCUSSÕES

A análise dos dados coletados e da literatura revisada revelou insights significativos sobre a influência da parentalidade na formação do Ego, conforme descrito pela Psicologia Analítica. Em particular, os resultados indicam que a interação entre pais e filhos exerce um impacto profundo e multifacetado na psique infantil, afetando o desenvolvimento da personalidade e da identidade ao longo da vida.

A relação com os pais, como apontado por Jung (2013a) e Neumann (1980), é essencial para a formação do Ego, que surge e se estrutura a partir das primeiras interações e experiências. Durante a infância, a psique da criança está extremamente receptiva, absorvendo não apenas comportamentos explícitos, mas também os



arquétipos universais representados pelas figuras materna e paterna. Esses arquétipos atuam como moldes fundamentais para a formação da identidade e da consciência, influenciando tanto as atitudes emocionais quanto comportamentais do indivíduo. O papel dos pais, portanto, não se limita a uma transmissão direta de valores ou normas, mas inclui a internalização de modelos arquetípicos, como o de proteção (mãe) e a inserção no mundo exterior (pai).

Os achados também evidenciam que um ambiente familiar que oferece um equilíbrio saudável entre os arquétipos materno e paterno favorece um desenvolvimento psicológico mais harmonioso. Um equilíbrio saudável entre os arquétipos materno e paterno, conforme discutido por Jung (2018) e Neumann (1980), é fundamental para o desenvolvimento psicológico da criança. O arquétipo materno, representando cuidado e segurança emocional, deve ser complementado pelo arquétipo paterno, que simboliza orientação e estímulo à autonomia. Essa combinação permite que a criança desenvolva tanto um senso de segurança quanto a capacidade de se tornar independente. A ausência de equilíbrio entre esses arquétipos pode levar a desequilíbrios de personalidade. Por outro lado, ambientes que distorcem ou reprimem esses arquétipos podem gerar distúrbios no desenvolvimento do Ego, levando à formação de complexos emocionais que afetam o comportamento e a psique ao longo da vida.

Os complexos parentais, tanto maternos quanto paternos, foram identificados como fatores fundamentais na formação do Ego, conforme discutido por Kast (2022). A pesquisa revelou que a infância, período crítico de formação da psique, é a fase em que esses complexos começam a se manifestar. A relação positiva com os pais, caracterizada por afeto, acolhimento e segurança, leva ao desenvolvimento de um Ego forte e saudável. No entanto, a presença de relações conflituosas ou negligentes pode dar origem a complexos negativos que, conforme Edinger (2020), se tornam obstáculos no processo de individuação. Tais complexos podem gerar sentimentos de raiva, ressentimento e insegurança, com impactos significativos na autoestima e nas relações interpessoais.

Além disso, os complexos materno e paterno podem influenciar a capacidade de estabelecer limites, desenvolver confiança e autonomia, e regular as emoções ao longo da vida adulta. Em casos mais graves, os complexos não resolvidos podem manifestar-se como distúrbios de comportamento, ansiedade e dificuldades nos relacionamentos interpessoais, como discutido por Neumann (1980) e Kast (2022). A construção e resolução desses complexos, portanto, são fundamentais para o bem-estar psicológico e a individuação.

Neste estudo, também foi apresentado os complexos de Puer Aeternus e Puella Aeterna apresentados por Von Franz (1992) e Leonard (1997). A comparação entre estes dois conceitos destaca como diferentes configurações familiares na infância podem moldar padrões de imaturidade distintos em homens e mulheres. Enquanto o Puer Aeternus busca refúgio em uma relação simbiótica com a figura materna, a Puella anseia pela validação e apoio de uma figura paterna ausente e inadequada. Ambos os padrões, contudo, demonstram uma dificuldade fundamental em internalizar figuras parentais seguras e em desenvolver autonomia psíquica que permita o estabelecimento de relacionamentos interpessoais saudáveis e a plena integração da vida adulta. A compreensão dessas dinâmicas é crucial para identificar e abordar as raízes das dificuldades relacionais e promover um desenvolvimento psicológico mais completo e responsável.



Outro resultado importante foi a análise do papel dos arquétipos e do inconsciente coletivo na formação do Ego infantil. Como destacado por Jung (2018), os arquétipos não são apenas padrões psíquicos individuais, mas representações universais presentes em todas as culturas e que influenciam o comportamento humano. Na infância, a psique está particularmente conectada ao inconsciente coletivo, absorvendo padrões arquetípicos que moldam as experiências e percepções da criança sobre o mundo e os outros. Esses arquétipos, quando bem integrados, promovem uma maior compreensão e equilíbrio da psique, enquanto que sua repressão ou distorção pode gerar desequilíbrios emocionais e psicológicos, conforme demonstrado pela relação entre a mãe e o complexo materno, e entre o pai e o complexo paterno.

O estudo confirmou que os arquétipos materno e paterno, como elementos universais, desempenham papéis cruciais no desenvolvimento da personalidade e da consciência do indivíduo através da análise da literatura teórica da psicologia analítica, onde os arquétipos materno e paterno são compreendidos como imagens primordiais do inconsciente coletivo. A partir da revisão bibliográfica, foi possível identificar que o arquétipo materno se manifesta em figuras que nutrem, acolhem e proporcionam segurança, funções que são essenciais na primeira infância, quando o Ego ainda está em formação. Já o arquétipo paterno representa a função orientadora, estruturante e promotora de autonomia do indivíduo. Ambos, em equilíbrio, influenciam diretamente no desenvolvimento da personalidade ao oferecerem ao sujeito experiências simbólicas fundamentais para a construção da identidade, da moralidade e da capacidade de integração psíquica. Sua manifestação positiva ou negativa, dependendo da qualidade das interações parentais, tem implicações significativas na forma como a criança desenvolve seu senso de identidade, sua relação com o mundo e sua capacidade de estabelecer conexões emocionais saudáveis ao longo da vida. Assim, o estudo demonstrou que esses arquétipos, como elementos universais, moldam profundamente a maneira como a criança se relaciona consigo mesma, com o outro e com o mundo, repercutindo em sua vida adulta.

A teoria Junguiana, ao introduzir os conceitos de arquétipos e complexos, aprofunda a compreensão da influência parental no desenvolvimento infantil, oferecendo uma perspectiva que transcende a noção de que um bom acompanhamento parental é simplesmente benéfico. Os arquétipos revelam como as figuras parentais encarnam forças universais presentes no inconsciente coletivo, moldando a Psique da criança em níveis profundos e muitas vezes inconscientes, influenciando expectativas, comportamentos e padrões familiares e a transmissão transgeracional de traços de personalidade como citado por Von Franz e Hillman (2016). Ao mesmo tempo, os complexos demonstram como experiências emocionais específicas na infância, especialmente aquelas associadas às figuras parentais, podem se organizar em torno de núcleos de sentimentos e memórias, criando “nós” psíquicos que exercem uma influência autônoma sobre o comportamento e os relacionamentos ao longo da vida.

A teoria dos complexos destaca que mesmo ambientes familiares aparentemente saudáveis, podem surgir dinâmicas sutis que levam à formação de complexos negativos, com efeitos prejudiciais no desenvolvimento do Ego e na capacidade de individuação. Dessa forma, a Psicologia Analítica oferece uma compreensão mais ampla e rica das interações pais-filhos, integrando tanto as dimensões universais da experiência humana (arquétipos) quanto as particularidades da história individual (complexos) para explicar o impacto duradouro da parentalidade na formação da psique.



Os resultados também indicam que a qualidade das interações parentais tem um papel central no desenvolvimento da autonomia e da confiança da criança. De acordo com as teorias junguianas, a criança, ao ser adequadamente acolhida e guiada por seus pais, aprende a confiar em suas próprias capacidades, desenvolvendo uma base sólida de autoestima e segurança. Quando os pais são fontes de apoio e segurança emocional, a criança se sente empoderada para explorar o mundo e enfrentar desafios com autoconfiança.

Porém, quando as figuras parentais falham em prover esse suporte emocional necessário, surgem dificuldades no desenvolvimento da autonomia, o que pode se traduzir em dependência excessiva, insegurança e dificuldades em lidar com frustrações e conflitos. Esses aspectos do desenvolvimento psicológico são fundamentais para a construção de uma personalidade equilibrada, conforme discutido por Jung (2013b) e Kast (2022), e podem afetar a capacidade do indivíduo de lidar com a realidade de maneira saudável ao longo de sua vida.

Por fim, um achado relevante da pesquisa foi a identificação da transmissão transgeracional de conflitos emocionais e psicológicos dos pais para os filhos, tema central na Psicologia Analítica. A investigação sugere que os conflitos não resolvidos dos pais podem ser passados de geração em geração, afetando a formação do Ego dos filhos. Isso ocorre, em parte, devido à projeção de traumas e padrões comportamentais não resolvidos, que influenciam as dinâmicas parentais e, por conseguinte, a psique das crianças. Como discutido por Schwartz (2023), reconhecer e tratar esses padrões emocionais transgeracionais é essencial para promover a cura psicológica e o desenvolvimento saudável do Ego.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A pesquisa realizada sobre a influência da parentalidade na formação do Ego, sob a ótica da Psicologia Analítica, evidenciou a importância das primeiras interações parentais no desenvolvimento da psique infantil. A partir da teoria de Carl Gustav Jung e outros autores que abordam os conceitos junguianos, como os arquétipos materno e paterno, os complexos parentais e o processo de individuação, foi possível perceber que a criança, ao interagir com seus pais, internaliza modelos que irão influenciar sua personalidade e comportamento ao longo de sua vida.

Os complexos materno e paterno, formados desde a infância, têm papel central na constituição do Ego. Quando esses complexos são positivos, favorecem a formação de um Ego equilibrado e saudável, enquanto que, quando negativos, podem gerar disfunções emocionais e psicológicas que reverberam na vida adulta. A parentalidade, por meio do ambiente familiar, das vivências emocionais e das projeções arquetípicas, exerce um impacto duradouro na criança, moldando não só suas reações frente aos desafios da vida, mas também seu senso de identidade e autoestima.

Além disso, a pesquisa demonstrou a relevância do conceito de inconsciente coletivo de Jung, que compartilha padrões e arquétipos universais, afetando os indivíduos de forma única e pessoal. O estudo também abordou como a transmissão transgeracional de padrões emocionais e comportamentais pode influenciar a formação do Ego a partir de estudos acerca da tipologia desenvolvida por Jung que a depender do tipo psicológicos dos pais pode influenciar nesse processo, o que pode levar à perpetuação de conflitos pessoais não resolvidos ao longo das gerações.

Em suma, a investigação destacou a necessidade de uma compreensão mais profunda da dinâmica entre pais e filhos e sua influência na constituição do Ego,



abrindo caminho para futuras pesquisas que possam integrar a Psicologia Analítica com outras áreas do conhecimento, como a neurociência, a psicologia do desenvolvimento e a antropologia. Além disso, as descobertas podem ser valiosas para pais, educadores e profissionais de saúde mental, ao proporcionar insights para a criação de ambientes mais saudáveis e promotores do bem-estar psíquico infantil, prevenindo traumas e contribuindo para a formação de indivíduos mais autônomos e equilibrados.

REFERÊNCIAS

EDINGER, Edward F. **Ego e arquétipo**: uma síntese fascinante dos conceitos psicológicos fundamentais de Jung. Tradução de Adail Ubirajara Sobral. 2. ed. São Paulo: Cultrix, 2020.

FREUD, Sigmund. **Obras completas**. Volume 6: três ensaios sobre a teoria da sexualidade, análise fragmentária de uma histeria ("O caso Dora") e outros textos (1901–1905). São Paulo: Companhia das Letras, 2016.

GIL, Antônio Carlos. **Como elaborar projetos de pesquisa**. São Paulo: Atlas, 2002.

Disponível em:

<<http://biblioteca.isctem.ac.mz/bitstream/123456789/734/1/%5BAntonio-Carlos-Gil%5D-Como-elaborar-projetos-de-pes%28z-lib.org%29.pdf>>. Acesso em: 06 dez. 2024.

JACOBI, Jolande. **A psicologia de C.G. Jung**: uma introdução às obras completas. Petrópolis: Vozes, 2013.

JUNG, Carl Gustav. **O eu e o inconsciente**. Editora Vozes Limitada, 2011.

JUNG, Carl Gustav. **O desenvolvimento da personalidade**. Petrópolis: Vozes, 2013a.

JUNG, Carl Gustav. **Tipos psicológicos**. Petrópolis: Vozes, 2013b.

JUNG, Carl Gustav. **Os arquétipos e o inconsciente coletivo**. Vol. 9/1. Petrópolis: Vozes, 2018.

KAST, Verena. **Filhas de pai, filhos de mãe**: complexos de pai e mãe e caminhos para a identidade própria. Petrópolis: Vozes, 2022.

LEONARD, Linda S. **A mulher ferida**: em busca de um relacionamento responsável entre homens e mulheres. São Paulo: Summus, 1997.

NEUMANN, Erich. **A criança**: estrutura e dinâmica da personalidade em desenvolvimento desde o início de sua formação. São Paulo: Cultrix, 1980.

NEUMANN, Erich. **A grande mãe**: Um estudo histórico sobre os arquétipos, simbolismos e as manifestações femininas do inconsciente. Editora Cultrix, 2021.

POUPART, Jean et al. **A pesquisa qualitativa**: enfoques epistemológicos e metodológicos. Vol. 2. Petrópolis: Vozes, 2008.

SCHWARTZ, S. E. **O efeito da ausência do pai nas filhas**: desejo paterno, ferida paterna. 1. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2023. E-book. Disponível em: <<https://plataforma.bvirtual.com.br>>. Acesso em: 21 out. 2024.



SCHWARTZMAN, Simon. **Pesquisa acadêmica, pesquisa básica e pesquisa aplicada em duas comunidades científicas**. Termos de referência de pesquisa, não publicado, jan. 1979. Disponível em: <https://www.schwartzman.org.br/simon/acad_ap.htm>. Acesso em: 06 dez. 2024.

STEIN, Murray. **Jung: o mapa da alma**. São Paulo: Cultrix, 2004.

VON FRANZ, Marie-Louise. **Puer Aeternus: a luta do adulto contra o paraíso da infância**. São Paulo: Paulus, 1992.

VON FRANZ, M.; HILLMAN, J. **A Tipologia de Jung**–Ensaio sobre Psicologia Analítica. 2016.

INFORMAÇÕES AUTORAIS

1. **Valéria De Oliveira Santos Martins**, *acadêmica de Psicologia*, Centro Universitário Luterano de Palmas (CEULP/ULBRA).
2. **Sonielson Luciano de Sousa**, Psicólogo, Mestre, docente de Psicologia, Centro Universitário Luterano de Palmas (CEULP/ULBRA).
3. **Caio César Brum**, Psicólogo, Especialista, docente de Psicologia, Centro Universitário Luterano de Palmas (CEULP/ULBRA).
4. **Pietro Ribeiro Lamonier**, Psicólogo, Especialista, Centro Escola de Especialidades Médicas - Unimax.